

**ARPILLERAS:
MÃOS QUE COSTURAM, BORDAM E CONTAM HISTÓRIAS DE SI**

DALVACI ARAUJO PORTO SANTIAGO

Artigo apresentado à Faculdade Conchas – Pólo A Casa Tombada, como trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu “A Arte de Contar Histórias – Abordagens poética, literária e performática”.

São Paulo,
Estado de São Paulo
Dezembro 2018

**ARPILLERAS: MÃOS QUE COSTURAM, BORDAM
E CONTAM HISTÓRIAS DE SI**

DALVACI ARAUJO PORTO SANTIAGO

Licenciada em História

Orientadora:

Profa. Dra. **Angela Castelo Branco Teixeira**

Artigo apresentado à Faculdade Conchas – Pólo A Casa Tombada, como trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu “A Arte de Contar Histórias – Abordagens poética, literária e performática”.

São Paulo,
Dezembro 2018

Arpilleras: Mãos que costuram, bordam e contam histórias de si

“De onde vêm as histórias?
Elas não estão escondidas como tesouro na
gruta de Aladim
ou num baú que permaneceu no fundo do mar.
Estão perto, ao alcance de sua mão...

Abra os olhos e apure os ouvidos.
É só prestar atenção.
Ao pintor que, do alto da escada,
com seu gorro de jornal,
vai colorir as paredes da casa. Ao padeiro
que hoje se inspirou e fez pães com forma de
dragão e tartaruga (não passe indiferente pela vitrine).
Você testemunha grandes e pequenos
episódios que estão acontecendo a sua volta.
Um dia será chamado a contar também. Então
verá que o tecido das vidas mais comuns é
atravessado por um fio dourado:
esse fio é a história”. (BOSI, 2003, p. 51)

Resumo

Este estudo foi realizado como tema de pesquisa do curso “A Arte de Contar Histórias – Abordagens poética, literária e performática” com o objetivo de refletir sobre a relação do trabalho com a arpillera e as narrativas de vida. A intenção é contribuir com a promoção de processos educacionais voltados a potencializar os sujeitos e sua ação na sociedade, dar voz às memórias e histórias de vida de pessoas usando como recurso a confecção de arpilleras. Aqui conto um pouco de minha história de vida e do encontro com as arpilleras.

Palavras-chave: Narrativas, memórias, histórias, educação, experiência, arpilleras, costura³.

Abstract

This study was carried out as a research theme of the course "The Art of Storytelling - Poetic, Literary and Performance Approaches" with the objective of reflecting on the relationship between work and arpillera and life narratives. The intention is to contribute to the promotion of educational processes aimed at empowering subjects and their action in society, giving voice to the memories and life stories of people using as a resource the making of burlap. Here I tell a little of my life story and the encounter with the burlap.

1. Introdução

Venho de uma linhagem de mulheres costureiras. Não conheci os meus avós. Apenas alguns tios maternos que nos visitaram em raras ocasiões.

Sou de uma família de migrantes paraibanos que veio para a Bahia no final da década de 60 do século passado. Meu pai chamava-se David, era mecânico de automóveis; minha mãe, Alcinda, uma exímia costureira, que aprendeu o ofício com a mãe dela, minha avó Luzia. A minha avó paterna, Claudina, fiava o algodão e fazia renda de bilro.

Nasci canhota, numa família de mulheres destros. Me lembro quando das minhas primeiras incursões no aprender a costurar, ouvir minha mãe comentar: “Você tem a mão torta, faz tudo ao contrário...”. Primeiros cerceamentos na infância que me fizeram deixar de lado a curiosidade pela costura.

Vivi minha infância e adolescência numa cidade do sudoeste baiano, chamada Jequié. Morávamos numa casa simples, com quintal grande, na beira do Rio de Contas, entre goiabeiras, bananeiras, jaqueiras. E pássaros, cigarras, sapos e vagalumes.

Meus pais sempre mantiveram uma horta no quintal, cheia de alfaces, tomates, pimentões, repolhos, couves e muitas ervas medicinais.

Convivíamos com nossos bichos de estimação: o cachorro Corisco, o gato Marcelo e a porca Toinha.

Eu, minhas irmãs e as crianças da vizinhança, costumávamos passar o tempo neste lugar, onde esquecíamos do mundo, chupando frutas tiradas do pé, fazendo cozinhados, cabanas, brincando de balanço, de casinha e bonecas de pano.

Ao entardecer, de costume, todo mundo se recolhia nas suas casas e ouvíamos no rádio a Ave-Maria, compenetrados, como se nessa hora, Nossa Senhora, a mãe de Jesus, viesse nos benzer e nos proteger de todos os males.

À noite, brincávamos na rua as cantigas de roda, boca-de-forno, picula, anelzinho, esconde-esconde, baleado, bola de meia.

Na porta de casa, em noites de calor intenso, nossos pais ficavam sentados em esteiras, acompanhando o alvoroço da criançada. De vez em

quando nos reuníamos, sentados em volta deles; ouvíamos histórias de reis e rainhas, ou as aventuras de Lampião, o Dom Quixote do Nordeste. Nós nem lembrávamos de ver televisão. Gostávamos muito de estudar.

Na minha escola tinha um quintal arborizado, onde cultivávamos uma horta. O solo era fértil, cheio de minhocas. Lembro do prazer de colher alfaces, coentros e mexer na terra. Nosso professor era um senhor muito calmo e firme, o mestre André.

Durante anos e anos eu frequentava a biblioteca pública. Do meu encontro com a literatura na infância, lembro de ler *O Máscara de Ferro* (Alexandre Dumas), *As Aventuras de Robinson Crusóé* (Daniel Defoe), *A Chave do Tamanho*, *As Reinações de Narizinho* (Monteiro Lobato), *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll) e tantos outros.

Meu pai sempre comprava livros, estudava para se atualizar e nos ajudava nas lições de casa. Todos os dias mandava a gente ler a bíblia, interpretar. Aquela obrigação era muito chata na época, mas hoje vejo que me acrescentou um bocado. Ele influenciou muito o meu gosto pela leitura.

As histórias de livros e as contadas de boca fizeram parte da minha infância e permanecem no meu imaginário até hoje.

Aos 18 anos, como a maioria dos jovens da minha cidade, me mudei para Salvador, para estudar. Só tinha faculdade na capital. Fiz uma licenciatura em História na Universidade Católica do Salvador.

Minha trajetória profissional se deu na área de Educação e Meio Ambiente, alinhada com os princípios da sustentabilidade. Atuei com desenvolvimento humano, formação e treinamentos com públicos variados, de estudantes, professores, gestores públicos, agricultores, em comunidades urbanas e rurais, integrando os conhecimentos da modernidade à sabedoria tradicional, cultura popular, salas de aula ao ar livre, valorizando os saberes das comunidades locais, gerando ações transformadoras.

Tive uma participação ativa nos espaços de construção de políticas públicas do movimento ambientalista baiano, forjada em percursos coletivos, na prática como educadora socioambiental.

Participei da equipe fundadora do Instituto de Permacultura da Bahia¹, nos idos de 1994. Durante 20 anos, integrei o movimento brasileiro de Permacultura.

Em 1996, trabalhei no Projeto São Bartolomeu. Oportunidade de conhecer o subúrbio ferroviário e aquela grandeza de patrimônio histórico e ambiental; o descaso do poder público, a gravidade dos efeitos antrópicos na Bacia do Cobre, poder entrar em contato de perto com as questões da luta da comunidade pela preservação do Parque São Bartolomeu; a atuação na formação de professores de escolas do ensino fundamental da rede pública municipal. Eu era responsável pela educação ambiental como tema transversal no currículo escolar, implantando sistemas de hortas orgânicas e coleta seletiva de lixo. Lydia Hortélio, etnomusicóloga, fazia parte da equipe deste projeto, trabalhando a memória das brincadeiras da infância. Fizemos várias formações nesta época e, desde então, passei a acompanhar o seu trabalho. Segundo Lydia Hortélio:

“A infância é algo precioso. Eu acho que, se a humanidade tem futuro, ela vai retomar por aí, pela infância. E isso não é impossível, nem difícil, porque a infância está guardada dentro de cada um. Eu acho que a grande revolução está aí. Fico muito feliz de ver que o Brasil tem tudo pra isso, tem muita cultura popular ainda. A cultura popular é uma segunda infância. Um alemão extraordinário, Friedrich Schiller, diz que o homem só é inteiro quando brinca, e é somente quando brinca que ele existe na completa acepção da palavra homem. O brincar é algo espiritual. E não estou falando de religião, não. Não é nada disso. É algo ainda mais profundo, que tem a ver com a alma do homem”. (HORTÉLIO, 2008, pag. 7).

1 Fundado em 1992, o Instituto de Permacultura da Bahia é uma organização não-governamental. Disponível em: www.permacultura-bahia.org.br. Acesso em 20/06/2018.

Esta experiência plantou em mim as sementes do gosto pela investigação da palavra, pelas narrativas, a cultura popular e o vasto repertório das memórias e histórias de vida.

Em 2004, trabalhei na Organização de Auxílio Fraternal², com as educadoras Guta Bastos e Beth Vieira. Desafios de encontrar uma metodologia que trouxesse alento para crianças em situação de vulnerabilidade social. Foi pelos contos, pelas cantigas de infância e brincadeiras, que aos poucos, encontramos um jeito de trazer de volta o brilho nos olhos daquelas crianças. Um trabalho de ludicidade, com os recursos da permacultura-arte-educação. Construimos lugares de afeto e acolhimento, como a Brinquedoteca e uma agrofloresta para crianças, revitalizando um quintal abandonado, tornando-o produtivo, cheio de possibilidades pedagógicas. O resultado foi muito gratificante.

Aos 52 anos, na solidão da idade madura, senti uma necessidade enorme de aprofundar a minha formação e me reinventar profissionalmente. Decidi me mudar para São Paulo. Esta talvez, tenha sido a decisão mais difícil da minha vida. Um salto em direção ao mistério!

Cheguei aqui em março de 2013. A adaptação foi um processo muito exigente, de incertezas, desafios, investidas, frustrações. Passei por muitas dificuldades mas também, fiz algumas boas amizades. Nos vários desafios e oportunidades encontrados no caminho, houve muito aprendizado.

Repeti uma jornada trilhada por muitas mulheres nordestinas que me antecederam, na busca por ressignificar a vida. Esse poema traduz o meu sentimento naquele momento:

“É difícil defender,
Só com palavras, a vida,
Ainda mais quando ela é
Esta que vê, Severina
Mas se responder não pude
À pergunta que fazia,
Ela, a vida, a respondeu
Com sua presença viva.
E não há melhor resposta

2 Fundada em 1958 a Organização de Auxílio Fraternal é uma organização não-governamental.
Disponível em: www.oaf.org.br. Acesso em 20/06/2018.

Que o espetáculo da vida:
Vê-la desfiar seu fio,
Que também se chama vida,
Ver a fábrica que ela mesma,
Teimosamente, se fabrica,
Vê-la brotar como há pouco
Em nova vida explodida
Mesmo quando é assim pequena
A explosão, como a ocorrida
Como a de há pouco, franzina
Mesmo quando é a explosão
De uma vida severina”.
(MELO NETO, 2007, p. 132)

2. Aprendiz da Palavra

Seguindo o caminho da reinvenção, com o olhar voltado para aquilo que sempre me moveu, encontrei o *Curso Básico de Formação para Contadores de Histórias*, promovido pela Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, coordenado por Ana Luisa Lacombe, de agosto a dezembro de 2013, realizado na Biblioteca Pública Hans Christian Andersen – Temática em Contos de Fadas. Saí deste curso com alguns contatos da Rede de Contadores de História de São Paulo e um tênue sentimento de pertencimento a esta cidade.

Em maio de 2014, deparei-me com o anúncio de uma oficina na UMAPAZ - Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz/Prefeitura de São Paulo. O título me chamou a atenção: *Mãos que tecem, vozes que clamam*. A proposta dizia assim: “Aglhas e linhas costurando as nuances da vida. Uma oficina na qual o Fio da Palavra, conduzido pela Arte Narrativa e a livre expressão das nossas histórias, vai se entrelaçar formando tecidos plenos de cores e possibilidades”.

Me inscrevi.

Éramos aproximadamente quinze mulheres, numa sala de 200m². Havia três ou quatro mesas grandes, com o material a ser utilizado: retalhos, linhas, agulhas, alfinetes, tesouras... Livros de bordado, de contos, uma

máquina de costura em miniatura, peças de crochê e tricô distribuídas pelo espaço.

Todos esses elementos me reconectaram fortemente com as memórias de minha mãe, sentada à máquina costurando, ou bordando à mão seus incontáveis panos de mesa, contando suas histórias.

No centro da sala, um grande tapete colorido feito em tricô, herança da avó espanhola (memórias da nossa facilitadora). Um cestinho de palha com bonequinhas de pano, instrumentos musicais em volta. Cada peça tinha uma história.

No primeiro momento, as pessoas se apresentaram. Relatos de histórias de vida de mulheres como eu, em busca de expressão, de espaços de pertencimento. Passamos uma manhã inteira contando/ouvindo nossas narrativas. Ao final, a sensação era de termos gerado uma potência interior a partir da empatia, da escuta e do compartilhamento. Nos reconhecemos nas histórias umas das outras, nos emocionamos, nos alegramos... e passamos a costurar as nossas narrativas.

No segundo momento, ficamos sabendo que esta era uma oficina de *arpilleras*. Durante seis semanas nos encontramos nas manhãs de sexta-feira. Fazíamos a roda, dançávamos uma ciranda, tomávamos café e costurávamos à mão. Nos contávamos umas às outras, enquanto tecíamos nossas memórias em retalhos, compondo uma narrativa, em pontos bordados na juta, palavras, lágrimas, risos, retalhos de pano e linhas.

Arpillera é o nome espanhol da juta, tecido rústico utilizado para confeccionar sacos de armazenar batatas e cebolas nas feiras livres.

A *arpillería* é conhecida como uma técnica de arte têxtil, onde se contam histórias costuradas à mão, tradição da cultura popular do Chile. É um recurso que reúne múltiplas possibilidades de experimentação: a convivência em grupo, as narrativas orais, escritas e visuais, a escuta, a criatividade, a produção artística. Cada pessoa escolhe como vai fazer sua arpillera. E por meio do tecer com as mãos, acessa-se memórias, olha-se para as histórias, em meio ao lúdico. Todos estes elementos constituem a subjetividade do “narrador” de cada um. Técnica esta, acessível para qualquer pessoa em termos do material utilizado e da não-exigência de pré-requisitos para executá-

la, de permitir a fruição de processos criativos, possibilitando as narrações de si. É algo transformador.

Para além de um trabalho manual de costura e de bordado, trata-se de uma prática comunitária que se insere no contexto atual da sociedade de consumo, como recuperação de espaços de convivência, símbolo de resistência e construção de identidade.

O reencontro com a costura manual trouxe forte conexão com minha ancestralidade. As vozes das minhas antepassadas passaram a falar dentro de mim e nesse processo, muitas memórias foram recuperadas. Esqueci as críticas de minha mãe sobre a canhoteira e, pouco a pouco, fui permitindo-me trazer imagens mentais, cortar o pano e tecer uma narrativa no tecido de juta. A costura fluiu solta. Era difícil largar a arpillera para fazer outras coisas.

Depois da peça pronta, surgiu um último detalhe, muito particular: a narrativa escrita. Num bolsinho atrás da arpillera, depositamos um pequeno texto escrito com a história da representação do nosso trabalho. Percebi que a costura foi o recurso principal para pensar, narrar, escutar, escrever.



O Quintal da Casa da Vila (foto: Ana Fuzzo)

Texto da representação da minha primeira arpillera:

Este é o quintal da Casa Vila. Temos um jardim com flores, ervas aromáticas, suculentas, plantas medicinais e ornamentais. Gostamos de cuidar do jardim e acompanhar a vida desse pequeno cantinho onde brota simplicidade e beleza. Às vezes aparecem borboletas, aranhas, abelhas... Sempre surgem novos matizes bonitos. Aqui fica também a casinha de Vuk, nosso querido cachorro. Brincamos e fotografamos as estações do ano. Um deleite para nós. A experiência de contar esta história por meio da arpillera me trouxe uma espécie de renovação interna.

Neste percurso, tive a oportunidade de dialogar e aprender com vários interlocutores, com quem muito aprendi, entre os quais, destaco Benjamin, Larrosa e Nina Veiga.

Apoio-me em Benjamin (1985), quando ele faz uma crítica à modernidade, à passagem do artesanal ao modo de produção industrial, como se fosse o fim da atividade de narrar, para explicar a importância das narrativas em torno das manualidades:

“Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo de trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede onde está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (...) A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”. (BENJAMIN, 1985, p.205).

No romance *A Caverna*, José Saramago faz referência à relação das manualidades com o pensamento, a memória, a percepção:

“Note-se que, ao nascermos, os dedos ainda não têm cérebros, vão-nos formando pouco a pouco com o passar do tempo e o auxílio do que os olhos

vêm. O auxílio dos olhos é importante, tanto quanto o auxílio daquilo que por eles é visto. Por isso o que os dedos sempre souberam fazer de melhor foi precisamente revelar o oculto. O que no cérebro possa ser percebido como conhecimento infuso, mágico ou sobrenatural, seja o que for que signifiquem sobrenatural, mágico e infuso, foram os dedos e os seus pequenos cérebros que lho ensinaram. Para que o cérebro da cabeça soubesse o que era a pedra, foi preciso primeiro que os dedos a tocassem, lhe sentissem a aspereza, o peso e a densidade, foi preciso que se ferissem nela". (SARAMAGO, 2000, p. 82)

As rodas de arpilleras recuperam os lugares das narrativas, dos encontros comunitários, portanto, são de uma riqueza extraordinária.

No encerramento da oficina, compusemos uma coleção de peças que contavam histórias de vida, cada qual nos revelando uma percepção de mundo diferente. Uma experiência que me atravessou inteira!

Eu fui muito acolhida pelas arpilleras e quis levar esta experiência para as pessoas. Levei desta oficina um sentimento de reconexão com as minhas raízes e de que havia encontrado o caminho de reinvenção profissional.

Iniciei os estudos de pós-graduação no curso A Arte de Contar Histórias: uma abordagem poética, performática e literária. A diversidade de trajetórias pessoais e a composição de diferenças etárias da turma gerou um redescobrimto de nós e das histórias do Brasil. Tínhamos o aluno mais novo com 24 anos e a mais velha com 86 anos. Quanta riqueza neste convívio que durou dois anos! Quantos afetos tecidos nas noites da Casa Tombada!

Conteúdos de corpo, voz, pensamento, palavras, permeados por uma pergunta: em que direção segue o nosso percurso como narradores hoje?

A importância de honrar a ancestralidade, o cuidado da transmissão de ensinamentos, do encontro e da troca entre pessoas, do encantamento, se revelou logo na primeira aula, quando o professor Giuliano Tierno trouxe esta história do livro *Mulheres que Correm com os Lobos*:

"Uma vez sonhei que estava contando histórias e sentia alguém dando tapinhas no meu pé para me incentivar. Olhei para baixo e vi que estava em pé nos ombros de uma velha que segurava meus tornozelos e sorria para mim. "Não, não, - disse-lhe eu. "Venha subir nos meus ombros, já que a senhora é velha e eu sou nova". "Nada disso", insistiu ela. "É assim que

deve ser". Percebi que ela também estava em pé nos ombros de uma mulher ainda mais velha do que ela, que estava nos ombros de uma mulher usando manto, que estava nos ombros de outra criatura, que estava nos ombros... Acreditei no que disse a velha do sonho a respeito de como as coisas devem ser. A energia para contar histórias vem daquelas que já se foram. Contar ou ouvir histórias deriva sua energia de uma altíssima coluna de seres humanos interligados através do tempo e do espaço, sofisticadamente trajados com farrapos, mantos ou com a nudez de sua época e repletos a ponto de transbordarem de vida ainda sendo vivida. Se existe uma única fonte e um espírito das histórias ela está nessa longa corrente de seres humanos". (ESTÉS, 1994, p. 18).

O olhar para a narrativa escrita veio na proposta de uma produção autoral, trazida pela professora Ângela Castelo Branco, com o objetivo de situar-nos como "alguém que escreve, mais do que alguém que aprendeu a escrever"; "percorrer as memórias e histórias da escrita de cada um...".

Os exercícios práticos desbloquearam e valorizaram a escrita de nós mesmos como sujeitos. Um dos textos inspiradores nas atividades foi este:

"Era uma vez um animal chamado escrita, que devíamos, obrigatoriamente, encontrar no caminho; dir-se-ia, em primeiro, a matriz de todos os animais; em segundo, a matriz das plantas
E, em terceiro,
A matriz de todos os seres existentes.
Constituído por sinais fugazes, tinha milhares de paisagens,
E uma só face,
Nem viva, nem imortal. Não obstante, o seu encontro com o tempo apaziguara a velocidade aterradora do tempo,
Esvaindo a arenosa substância da sua imagem".
(LLANSOL, 1984, p.160)

3. Arpilleras: referências chilenas

"As crianças, que dormem três na mesma cama, estendem seus braços na direção de uma vaca voadora. Papai Noel traz um saco de pão, e não de brinquedos. Aos pés de uma árvore, mendiga uma mulher. Debaixo do sol vermelho, um esqueleto conduz um caminhão de lixo. Pelos caminhos sem fim, andam homens sem rosto. Um olho

imenso vigia. No meio do silêncio e do medo, fumega um caldeirão popular.

O Chile é este mundo de trapos coloridos sobre um fundo de sacos de farinhas. Com sobras de lã e velhos farrapos bordam as bordadeiras, mulheres dos subúrbios miseráveis de Santiago. Bordam *arpilleras*, que são vendidas nas igrejas. Que exista quem as compre é coisa inacreditável. Elas se assombram: - *Nós bordamos nossos problemas, e nossos problemas são feios*. Primeiro foram as mulheres dos presos. Depois, muitas outras se puseram a bordar. Por dinheiro, que ajuda a remediar; mas não só pelo dinheiro. Bordando *arpilleras* as mulheres se juntam, interrompem a solidão e a tristeza e por umas horas quebram a rotina da obediência ao marido, ao pai, ao filho macho e ao General Pinochet...”

Fonte: <http://teardesentidos1.blogspot.com/2010/10/as-bordadeiras-de-santiago-tecidos-que.html>

(acesso em 16 de junho de 2018)

Na década de 60, Violeta Parra, compositora, cantora e pesquisadora da cultura popular chilena, produziu uma série de *arpilleras*. Seus temas misturavam narrativas sobre a arte e a história dos conflitos sociais, de uma forma profunda e poética. No ano de 1964, foi a primeira mulher latino-americana, a realizar uma exposição de seus trabalhos de pintura em tela e *arpilleras* no Museu do Louvre, em Paris.



Fonte: <https://viajento.com/2016/10/05/violeta-parra/> (acesso em 10 de julho de 2018).

O poeta Pablo Neruda, prêmio Nobel de literatura em 1971, incentivou a criação de cooperativas de mulheres tecelãs de arpilleras, na região de Isla Negra, litoral central do Chile. Os trabalhos delas falavam da vida cotidiana daquela comunidade e mostravam a paisagem local, um lugar muito apreciado por sua beleza natural.

No contexto da ditadura militar do general Pinochet (1973 a 1990), com o apoio de igrejas cristãs, grupos de mulheres de Santiago, que haviam perdido maridos, filhos, promoveram ateliês de arpilleras, do centro à periferia. Desenvolveram processos de trabalho tanto como forma de apoio emocional, terapia ocupacional e também como meio de geração de renda. Através das arpilleras, as mulheres contaram as histórias da tortura, da perseguição política, da crise econômica e da violência que os cidadãos chilenos estavam enfrentando. Fizeram mobilização e resistência política.

Por meio de pessoas físicas e embaixadas de países da Europa e Estados Unidos, as arpilleras que denunciavam a violação dos direitos humanos pela ditadura militar, ganharam repercussão internacional e contribuíram para o movimento de restauração da democracia. Posteriormente, parte desta produção de arpilleras foi organizada pela curadora Roberta Bacic,

numa coleção intitulada “*Arpilleras da Resistência Política Chilena*”, e esteve exposta de julho a outubro de 2012, no Memorial da Resistência de São Paulo. Por esta ocasião, as chilenas fizeram várias oficinas, onde as brasileiras puderam aprender a técnica.



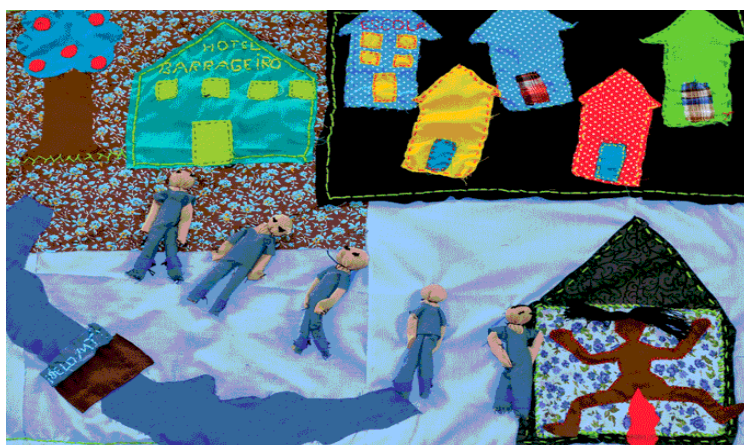
Fonte: ¿Dónde están?/Where are they? Anon. Chile, early 1980s Photographer, Martin Melaugh (all images © Roberta Bacic) (Acesso em 10 de julho de 2018)

4. Arpilleras: Bordando a Resistência

Historicamente, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) tem atuado na organização das populações ribeirinhas atingidas pela construção de barragens, pautando a crítica ao modelo energético vigente (hidreletricidade). A política atual do setor elétrico traz como consequências a expulsão das famílias de sua terra, sem reparação justa e toda a série de impactos ambientais que afetam diretamente a vida das pessoas que pertencem a estes territórios, onde os grandes empreendimentos se instalam. Na perspectiva de gênero, a condição das mulheres é muito mais difícil.

Durante o ano de 2015, sob a coordenação de Esther Vital, o MAB criou um projeto de oficinas de arpilleras nas cinco regiões do Brasil, como uma

estratégia de poder dar voz às mulheres na luta contra a violência, legitimando a contribuição delas na construção de modos de vida digna. Criaram-se espaços coletivos de mobilização e protagonismo feminino, gerando uma valiosa produção de narrativas e peças artísticas. A culminância deste projeto aconteceu com uma exposição de 30 arpilleras, no Memorial da América Latina, com o título “Arpilleras Bordando a Resistência”, durante os meses de setembro/outubro. Na programação do evento foi realizado um seminário e três oficinas, o que trouxe visibilidade internacional para o debate e as lutas do movimento.



A ideia é costurar uma “arpillera” coletiva de norte a sul, na qual uma mulher de cada região do Brasil narre o impacto das barragens em suas vidas.

Após o impacto da exposição de arpilleras, em 2017, o MAB lançou o documentário (longa metragem), “*Arpilleras: atingidas por barragens, bordando a resistência*” na Caixa Cultural em São Paulo.

5. A poética das rodas de arpilleras

A oficina começa com a organização do espaço, criando um ambiente informal e acolhedor. Os recortes de juta, os retalhos de pano coloridos, linhas, agulhas, adereços, ficam distribuídos numa mesa comprida e o grupo senta em volta dela, com tudo à mão. Na introdução, as pessoas se apresentam, contam um pouco das suas trajetórias e começam a interagir. Depois entramos em contato com a história das arpilleras. Hora de tecer. Constroem-se afetos. A

partir daí vão surgindo memórias, encantamentos tecidos na juta, imagens que aos poucos vão narrando as histórias de vida. Há sempre uma tensão no início, diante do desafio de compor, se expor, olhar para sua história. Devagar, supera-se essa resistência, abre-se uma porta interna, vão-se juntando palavras, retalhos de pano, manhãs, tardezinhos, linhas coloridas, sonhos, lugares... subjetividades. O trabalho vai dando voz às narrativas do cotidiano, das suas existências, do estar no mundo. Ao final, vem a narrativa em forma de texto escrito, daquilo que foi construído. Cada participante compartilha com o grupo suas impressões do processo. Os trabalhos compõem uma exposição final. Vive-se uma experiência cheia de significado.

Sobre o sentido da experiência, Larrosa diz:

“Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria”. (LARROSA, 2002, p. 25, acesso em 10 de julho de 2018)

6. Relatos de experiência

Como se fora brincadeira de roda - memória...
Jogo do trabalho na dança das mãos - história...
O suor dos corpos na canção da vida.....
O suor da vida no calor de irmãos
Não tenha medo meu menino povo...
Tudo principia na própria pessoa...
Vai como a criança que não teme o tempo... (GONZAGUINHA)

A construção da minha prática como narradora ganhou consistência após o encontro com as arpilleras. Desde então passei a trabalhar como facilitadora em lugares diferentes, com públicos distintos que descrevo a seguir. As oficinas sempre constituem espaços de experiências, compreendendo a relação entre as narrativas, a costura e o bordado à mão, representados no tecido da juta.

Oficina de Arpilleras – entrelaces de panos, linhas e narrativas: duração de 8 horas, em dezembro de 2014. Fiz uma parceria com a Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal da Bahia e a Associação de Moradores Zumbi dos Palmares, bairro da Palestina, periferia de Salvador, Bahia. O grupo era formado por mulheres que trabalhavam no lar e uma delas era professora.



Arpillera da professora, que representou uma cena com seus alunos na escola

Oficina de Arpilleras – artes manuais e histórias de vida: duração de 12 horas, em dezembro de 2015. Em parceria com a ONG A Casa dos Sonhos, bairro Santa Rita, periferia de João Pessoa, Paraíba. O grupo era feito de mulheres educadoras, assistentes sociais e uma cozinheira.



Exposição coletiva dos trabalhos do grupo

Oficina de artes manuais e histórias de si: duração de 12 horas, em setembro, outubro e novembro de 2016. Parceria com o SESC Itaquera, São Paulo, S/P. A oficina foi desmembrada em três manhãs. Trabalhei com o coletivo de catadores Zona Leste Faz!



Arpillera representando uma cena urbana

Oficina de artes manuais e histórias de si: duração de 12 horas, em janeiro de 2017. Parceria com a Casa Colaborativa Mater Luna, Salvador, Bahia. O grupo era formado por terapeutas, educadoras, ativistas sociais, uma secretária e um designer gráfico.



Exposição dos os trabalhos do grupo

Oficina de artes manuais e histórias de si: duração de 20 horas, em janeiro de 2017. Parceria com a Prefeitura Municipal de João Pessoa, Paraíba, no

Centro Cultural Mangabeira. O grupo era formado por mulheres acima de 60 anos, com exceção de uma menina de 12 anos que acompanhava a avó.



Exposição coletiva dos os trabalhos do grupo

Os relatos durante as apresentações foram carregados de memórias da infância, problematização de temas que estão vivos no presente e projeções de sonhos futuros.

7. Considerações Finais

“Sobre importâncias um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol

inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança É mais importante para ela do que a Cordilheira Dos Andes.

(...) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os Olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais Importante para ela do que o Empire State Building (...)" (BARROS, 2008, p. 109)

A história do indivíduo é uma parte da história da sociedade e a memória de cada pessoa contém um pedacinho da memória coletiva. As raízes da cultura estão nestas histórias. Cada pessoa tem uma bagagem de vida singular. E muita história para contar. As tradições são transmitidas de família para família. Registrar suas histórias, poder compartilhar, é afirmar-se, construir a cultura e a identidade da sociedade, é preservar as origens.

As rodas de arpilleras são espaços de relações horizontais, lugares onde as pessoas trocam narrativas de vida. Não há uma preocupação com o preciosismo técnico da costura e do bordado. É pura artesanaria. Desaceleramento. Há um encontro entre os fios e as palavras que acabam por provocar afetos, mãos de artífice que tecem uma história no pano, produzindo uma peça, um registro pessoal único, que toca umas às outras. Há uma potência nesse encontro de tecer arpilleras, que vem do compartilhamento vivo de experiências, da afirmação da própria identidade por meio das narrativas tecidas.

Eis a técnica da arpillería, uma linguagem que reúne narrativas orais, escritas e visuais, múltiplas possibilidades de criação.

Vivendo numa sociedade de consumo, individualista, pautada pelas disputas de poder, onde não somos escutados, propor experiências das narrações de si, abre novas possibilidades de diálogo, capaz de gerar autonomia e liberdade, ação, dignidade e auto-confiança.

É desse micro-lugar, numa roda de arpilleras, que se constroem visibilidades do pensar, do fazer. Lugar de expressão, de criação, de produção de vida.

Referências bibliográficas

Arpilleras da resistência chilena/curadoria: Roberta Bacic; Apresentação: Paulo Abrão - Brasília- Biblioteca Nacional, 2012.

Arpilleras Bordando a Resistência, catálogo da exposição no Memorial da América Latina, da coleção do Movimento dos Atingidos por Barragens, 2015.

BARROS, Manoel de. Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BENJAMIN, W. (1985). Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política (1ª. Edição) São Paulo: Brasiliense.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, nº 19, p. 20-28, Campinas, Jan./Fev./Mar./Abr. 2002.

BOSI, E. Velhos amigos. São Paulo: Companhia das Letras. 2003

GALEANO, Eduardo. Mulheres. Porto Alegre: L & PM, 1997, p. 156.

MAB lança campanha para financiar documentário sobre 'arpilleras' Disponível em: <https://www.sul21.com.br/breaking-news/2015/04/mab-lanca-campanha-para-financiar-documentario-sobre-arpilleras/> Acesso em 10 de julho de 2018.

SARAMAGO, José. A Caverna. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.